

Semana Missionária Hospitaleira
12 - 18 Outubro, 2020

“Tecelões de hospitalidade”



“Eis-me aqui, envia-me”

Semana Missionária Hospitaleira 2020

“**Eis-me aqui, envia-me**”: é este o título da Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial das Missões de 2020, publicada na Solenidade de Pentecostes. O Papa destaca a ligação entre o Espírito Santo e a missão na Igreja e, no contexto da pandemia que ainda persiste, recorda que a humanidade é chamada a «**remar junta**» e que **Deus quer chegar a todos com o seu amor**.

A expressão faz parte da narração bíblica da vocação do profeta Isaías. À pergunta do Senhor: *Quem enviarei*, Isaías responde, prontamente: *Eis-me aqui, envia-me*. “Este apelo – escreve o Papa Francisco – surge do coração de Deus, da sua misericórdia que interpela tanto a Igreja como a humanidade na atual crise mundial”.

Na sua Mensagem para o Dia Mundial das Missões, que será celebrado no dia 18 de outubro, o Papa recorda as palavras por ele proferidas na Praça de São Pedro, durante o inesquecível momento de oração de 27 de março. Nessa ocasião, descreveu a desorientação geral da humanidade atingida pela pandemia de Covid-19, uma desorientação semelhante à que os discípulos viveram quando foram "surpreendidos por uma tempestade inesperada e furiosa", e sublinhou a tomada de consciência "de estarmos todos no mesmo barco", frágeis, mas importantes e necessários, "**todos chamados a remar juntos, todos a precisar reciprocamente de encorajamento**".

Lê-se depois na Mensagem: “Estamos verdadeiramente assustados, desorientados e receosos. O sofrimento e a morte fazem-nos experimentar a nossa fragilidade humana; mas, ao mesmo tempo, todos nos reconhecemos partícipes de um forte desejo de vida e de libertação do mal. Neste contexto, o apelo à missão, o convite dirigido a cada um para que **saia de si mesmo por amor de Deus e do próximo** aparece como uma oportunidade de **partilha, serviço, intercessão**. A missão que Deus confia a cada um faz passar do «eu» temeroso e fechado para o «eu» resoluto e renovado pelo dom de si próprio”.

Na Mensagem, o Papa Francisco acrescenta que a missão, a "**Igreja em saída**", não são "uma intenção a ser realizada pelo esforço da vontade", pois é Cristo quem faz sair a Igreja, e é o Espírito Santo quem impele o cristão na missão de anunciar o Evangelho, para que, através de nós, “Deus continue a manifestar o seu amor e possa tocar e transformar os corações, as mentes, os corpos, as sociedades e as culturas, em todo o tempo e lugar”.

Mas, observa o Papa, só nos podemos **aperceber do chamamento à missão** se vivermos uma **relação pessoal com Jesus**; por isso, todos somos convidados a interrogar-nos se "estamos prontos para acolher a presença do Espírito Santo na nossa vida", seja qual for o nosso estado. Pergunta ainda o Papa se “estamos dispostos a ser enviados a todo o lado para darmos testemunho da nossa fé” e se, como Maria, estamos dispostos a fazer a vontade de Deus “no momento atual da Igreja e da história”.

Compreender o que Deus nos diz nestes tempos de pandemia torna-se um desafio também para a missão da Igreja. Somos interpelados pela doença, pelo sofrimento, pelo medo e pelo isolamento. Somos interpelados pela pobreza de quem morre em solidão, de quem está

abandonado a si mesmo, de quem perde o emprego e o ordenado, de quem não tem casa nem comida...

Neste momento, todos podemos adoecer, tornar-nos frágeis, ter medo. Em qualquer caso, devemos ser “curados” e devemos também fortalecer a nossa fé, compartilhá-la e ajudar os mais necessitados.

Tanto na Congregação das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus como na Ordem Hospitaleira de S. João de Deus sofremos as consequências desta pandemia. Houve pessoas que morreram nos nossos centros de assistência: utentes e colaboradores, mesmo em algumas das nossas comunidades morreram Irmãs e Irmãos. Mas isso não nos impediu de **permanecer fiéis aos nossos carismas e de continuar a evangelizar o mundo da dor e do sofrimento** em todas as partes do mundo onde estamos presentes.

Esta situação, anómala para todos, fez com que nos sentíssemos mais próximos e solidários, principalmente com os que estão mais longe e dispõem de menos recursos. Esta proximidade, fraternidade e partilha daquilo que temos ainda está a acontecer atualmente.

O Papa Francisco conclui a sua Mensagem observando que na celebração do Dia Mundial das Missões a oração, a reflexão e a ajuda material representam oportunidades para participarmos na missão da Igreja.

Dia 12 - segunda-feira

Cuidar uns dos outros como o Deus da salvação cuida de nós

Texto seguinte conforme publicado no site:

http://www.internationalunionsuperiorsgeneral.org/wp-content/uploads/2020/07/Letter_USG-UISG_PT.pdf

Jesus aproximou-se e começou a caminhar com eles (Lc 24,15)

Ir.ª Jolanta Kafka. Presidente UISG – P. Arturo Sosa SI, Presidente da USG

Jesus, hoje como naquele tempo, vem ao nosso encontro e caminha ao nosso lado, mesmo quando não conseguimos reconhecê-lo. O crucificado-ressuscitado exerce o seu ministério de consolação (2cor 1, 3-7) e cuida de seus irmãos e irmãs.

Digamos com o salmista: *Bendito seja o Senhor, dia após dia; Ele cuida de nós; Ele é o Deus da nossa salvação* (Sl 67, 20).

Jesus, como os discípulos de Emaús, nos escuta com paciência. ele escuta as nossas conversas quando nos perguntamos sobre o significado do que está acontecendo e sobre a mudança que, junto com a humanidade, somos convidados a fazer a partir da experiência vivida.

De fato, estamos conscientes de que a crise provocada pela pandemia não é a causa da crise da vida religiosa, das crises políticas, econômicas ou da igreja. ela exerce, porém, uma força catalisadora sobre os processos de crise já em andamento e que agora parecem ser acelerados com vigor renovado.

Manifestamos a nossa proximidade fraterna a todos aqueles que neste período de pandemia foram diretamente afetados e perderam membros de seus institutos, familiares e colaboradores. estamos próximos das comunidades que com fadiga enfrentam o luto, a convalescença e os problemas econômicos criados pela pandemia. O caminho pascal de Jesus conosco é a única fonte de nossa esperança.

Muitas vezes o Papa Francisco nos exortou nestas semanas a caminhar juntos porque, como ele repete, somente juntos podemos enfrentar as dificuldades desta situação e aproveitar este momento histórico para dar um novo significado ao ponto de virada que o caminho da humanidade está tomando.

Jesus entra em diálogo conosco para iluminar o sentido do que está acontecendo e, aquecendo os nossos corações, nos ajuda em nosso discernimento com a sua palavra e seu espírito.

Como podemos fazer deste tempo obscuro uma oportunidade brilhante para a animação em nossos institutos? Como não desperdiçar as mais belas intuições que surgiram durante este tempo de provação, para a nossa mudança, a nossa missão? Estamos certos de que o caminho a seguir é o discernimento conjunto, no qual o espírito encontra espaço para nos guiar.

É um tempo que nos convida, portanto, a **cuidar da escuta**, a criar espaços de silêncio contemplativo e de troca de reflexões e de dados concretos, para que o discernimento não seja precipitado e as conclusões apressadas.

Ouvir todas as gerações: memória do passado, atenção ao presente e o olhar voltado para o futuro. Oferecer um espaço especial aos jovens para que eles possam expressar e partilhar os seus sonhos e desejos. Espaços especiais também aos idosos para que possam manter o seu testemunho na continuidade da história.

Ouvir com atenção e ler a realidade, o que está realmente acontecendo. A sustentabilidade da nossa missão, das nossas estruturas, deve ser integralmente cuidada, porém, o bem mais precioso a ser cuidado é a nossa identidade carismática e as pessoas. Que espaços de escuta podemos criar para que isso aconteça?

Devemos agradecer aos muitos autores que, de vários cantos do planeta, ofereceram suas contribuições dos pontos de vista espiritual, teológico, social, econômico, ético e crítico sobre o que estamos passando. não nos sentimos sozinhos, nos inspiramos na riqueza desse material, mas ao mesmo tempo acreditamos que ainda precisamos ouvir e pesquisar. Tudo isso porque o espírito santo continua falando no meio das dificuldades.

Como na história do Gênesis: no início tudo era caos, mas o espírito pairava sobre as águas e deu início a uma nova ordem. Este tempo nos leva de volta às origens, porque o espírito que está em nós, como em muitos de nossos irmãos e irmãs da humanidade, desperta um grande desejo de renovação, de retomada e de renascimento. Pode nascer hoje um mundo novo?

Dia 13 – Terça-feira

O carisma religioso perante a pandemia – Ir. Jesús Etayo, Superior Geral

Textos retirados da entrevista ao Ir. Jesús Etayo, publicada na revista Vida Nueva.

A hospitalidade é o nosso carisma, a nossa missão, e devemos estar sempre preparados. A pandemia foi e é uma emergência; portanto, para nós, trata-se de um momento de emergência

carismática em que devemos dar o melhor de nós mesmos ao serviço dos doentes nesta situação tão difícil. Por outras palavras, é aquilo a que chamo a “Hora da Hospitalidade”. É o momento de sairmos para dar assistência, cuidar, acompanhar, oferecer, dar tudo por amor e Deus e dos doentes. Com o nosso voto de hospitalidade comprometemo-nos a prestar aos doentes e aos necessitados todos os serviços necessários, mesmo pondo em risco a nossa vida. É verdade que não podemos fazer isso à toa, mas com as medidas e a proteção necessárias, respeitando as normas e os protocolos de saúde, mas, de alguma forma, chegou a nossa vez, não podemos esconder-nos neste momento. Nem poderemos esconder-nos quando terminar a crise da saúde, porque virá então a crise económica e social. Devemos ser capazes de apoiar e ajudar muitas pessoas que podem ter ficado para trás devido à pandemia. Ao longo da história da nossa Ordem, muitos nossos Irmãos perderam a vida ajudando os doentes em períodos de peste e de várias epidemias. A última vez que isso aconteceu foi em 2014, durante a epidemia de ébola, na Libéria e na Serra Leoa, onde quatro Irmãos, uma religiosa e treze Colaboradores perderam a vida.

Acompanhamento dos doentes neste período

Os doentes estão no centro de todas as nossas preocupações. Os Irmãos e os Colaboradores da Ordem fizeram tudo quanto estava ao seu alcance para lhes prestar assistência com o máximo de profissionalismo, humanidade, respeito e dignidade.

Atravessamos hoje momentos árduos e difíceis, quando fomos atingidos por uma espécie de tsunami. Mas, em todos os momentos, fizemos todos os esforços para atender e acompanhar os doentes, especialmente os mais graves. Em particular, foi garantido o acompanhamento e acolhimento de pessoas em centros e residências sociais, de idosos, de pessoas excluídas com doenças mentais, etc. Além de cuidar dos aspetos relacionados com a saúde, foi igualmente considerada a dimensão humana e foram abrangidos também os âmbitos sociais e espirituais, com atividades específicas que ajudassem os neste momento difícil. O acompanhamento espiritual e religioso foi igualmente um aspeto muito importante neste contexto. Em muitos lugares foi necessário encontrar soluções criativas, mesmo por meios virtuais, para garantir a assistência espiritual e religiosa. Em muitos momentos, quando a família não podia estar presente, os nossos Irmãos e Colaboradores levaram aos doentes a ternura e o amor de Deus e também a dos familiares que não os podiam acompanhar.

A espiritualidade cristã como auxílio para enfrentar esta situação

A fé cristã é uma grande ajuda para quem abre o coração a Deus. Durante a pandemia, ouvimos o Papa, que nos dizia para “não termos medo” no meio da tempestade que esta pandemia representa, porque “Cristo está ao leme do nosso barco”, da nossa vida. Além disso, a espiritualidade cristã ensina-nos que formamos uma família, que somos comunidade, todos irmãos e filhos de Deus. Não estamos sozinhos, nem isolados. A hospitalidade evangélica e o serviço aos doentes testemunham claramente o amor compassivo e misericordioso de Deus pelos doentes, pelos que sofrem e, neste caso, também pelos profissionais de saúde e por todos aqueles que se dedicam, de alma e corpo, a lutar para controlar e superar a pandemia.

Dia 14 – quarta-feira

A modernidade é frágil....

Entrevista ao Cardeal Secretário de Estado do Vaticano, Mons. Pietro Parolin (27/08/2020)

«A prioridade não é a economia, enquanto tal, mas o ser humano», afirma o Cardeal. A pandemia de Covid-19 – acrescenta – não provocou apenas uma crise de saúde, mas afetou muitos aspetos da vida humana: a família, a política, o trabalho, os negócios, o comércio, o turismo, etc. ... ».

Segundo o Cardeal Secretário de Estado, “se todos os governos se viram obrigados a tomar medidas drásticas, até ao ponto de interromper muitas atividades económicas para combater a pandemia, isso significa que a prioridade não é a economia, mas as pessoas. Isso significa, em primeiro lugar, cuidar da saúde.. “Mas – prossegue o Cardeal – a doutrina social da Igreja, que tem as suas raízes na antropologia cristã, recorda-nos que não nos podemos limitar a cuidar apenas da saúde do corpo. Devemos zelar pela pessoa humana em toda a sua integridade, que deve constituir, por conseguinte, o objetivo prioritário do compromisso político e económico, numa ética de responsabilidade compartilhada na casa comum”.

“Consequentemente – sublinha Mons. Pietro Parolin – a Igreja convida-nos a redescobrir a vocação da economia ao serviço do homem, de modo a garantir a cada pessoa as condições necessárias para um desenvolvimento humano integral e uma vida digna”. «Agora mais do que nunca – escreveu o Papa Francisco por ocasião da Páscoa de 11 de abril – são as pessoas, as comunidades e os povos que devem estar no centro, unidos para recuperar, curar e compartilhar”.

Não pôr de parte as necessidades espirituais

Para o Cardeal Parolin, “é necessário destacar, portanto, alguns perigos que surgiram no combate à pandemia, como o prevalecer de abordagens antropológicas redutoras que, centradas apenas na saúde física, correm o risco de considerar insignificantes as dimensões espirituais. A dramática situação de emergência que vivemos – prossegue –, revelou os limites de uma abordagem das questões da saúde baseada em paradigmas exclusivamente técnicos, que praticamente negou determinadas necessidades que são fundamentais como, por exemplo, a proximidade dos familiares, que foi dificultada, e o acompanhamento espiritual dos doentes e dos moribundos. Isto exige uma reflexão mais profunda sobre as muitas questões que a pandemia nos colocou”.

E o Papa Francisco, na encíclica *Laudato Si'*, afirma: “A interdependência obriga-nos a pensar num mundo único, num projeto comum”. Por outro lado – recordou João Paulo II na *Sollicitudo rei socialis* – “estamos hoje perante uma interdependência tecnológica, social e política que exige urgentemente uma ética da solidariedade”.

Devemos semear amizade e boa vontade, e não ódio e medo. Além disso, "a interdependência planetária requer respostas globais para os problemas locais", insistiu o Papa Francisco por ocasião do seu encontro com os Movimentos Populares, em 2015, afirmando que “a globalização da esperança [...] deve substituir esta globalização da exclusão e da indiferença”.

O Papa Bento XVI, na encíclica *Caritas in Veritate*, falou de uma economia na qual a lógica do dom, o princípio da gratuidade, que exprime não apenas a solidariedade, mas também a

fraternidade humana mais profunda, deve ter o seu espaço. Por sua vez, o Papa Francisco relançou o tema do desenvolvimento humano integral no contexto de uma “ecologia integral”, ambiental, económica, social, cultural e espiritual.

A Igreja sente-se chamada a acompanhar o complicado caminho que se apresenta a todos nós como família humana. E “deve fazê-lo com humildade e sabedoria, mas também com criatividade”. Para o purpurado, em síntese, “existem sólidos princípios de referência, mas, atualmente, a criatividade corajosa é ainda mais urgente, para que a dramática crise da pandemia não se transforme numa terrível tragédia, mas permita que se abram espaços para a conversão humana e ecológica de que a humanidade precisa”.

Para concluir, o Secretário de Estado do Vaticano espera “que a experiência vivida nos primeiros meses da pandemia tenha alimentado em muitos fiéis uma maior consciência da vida sacramental, juntamente com o desejo e a expectativa de uma participação mais viva na liturgia, ápice e fonte de toda a vida da Igreja”.

Dia 15 – quinta-feira

Derramar consolação, esperança, hospitalidade sobre o mundo...

Ir.ª Anabela Carneiro, Superiora Geral

Circular à Congregação das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus (28 de maio de 2020).

A Irmã Anabela Carneiro, na sua Carta circular, exprime uma profunda comunhão com o sofrimento do nosso mundo que, “nos últimos meses, se faz sentir de forma tão inesperada quanto dolorosa, devido à pandemia de Covid-19, com consequências devastadoras para a humanidade. Estamos a viver esta experiência de «sentir que estamos no mesmo barco, todos frágeis e desorientados». Ao mesmo tempo, porém, apercebemo-nos também desse chamamento forte à fé, a confiar ao Senhor os nossos temores, a restabelecer o rumo da vida em direção a Ele e ao próximo”.

O Senhor quer servir-se de nós, para sermos "instrumentos" de consolação, esperança e hospitalidade.

Consolação

Perante as situações de sofrimento que são dilacerantes para a humanidade e que nós, devido à nossa vocação samaritana, conhecemos muito diretamente, é urgente que sejamos mulheres capazes de consolar, de ser testemunhas da misericórdia e ternura do Senhor; mas, como nos recorda o Papa Francisco, *"só poderemos ser portadores se nós mesmos experimentarmos, primeiro, a alegria de sermos consolados por Ele, de sermos amados por Ele. Isto é importante para que a nossa missão seja fecunda: sentir a consolação de Deus e transmiti-la!"*.

Como expressões concretas de consolação, sublinho de modo particular *a proximidade e o cuidado*, expressão de como o outro e a sua realidade são mais importantes que nós mesmas e que o seu sofrimento não nos deixa indiferentes; *a escuta e o acolhimento*, permitindo-lhes sentir-se acolhidas e comunicar, as suas ansiedades e esperanças, os seus desejos e desânimos, as suas tristezas e alegrias; *a presença amável e silenciosa*, que não utiliza palavras ocas, mas sabe

"estar com", tornando-se um bálsamo salutar quando a dor se torna forte e, às vezes, insuportável.

Esperança

Somos chamadas a testemunhar essa esperança, que não é negação da realidade, mas capacidade de encontrar a Deus, atuando com as "suas mãos criativas", mesmo quando as trevas se tornam mais espessas e maiores as dificuldades. Sugiro três expressões de esperança que considero tão necessárias como apropriadas no momento em que vivemos. Em primeiro lugar, a capacidade de *acreditar e incentivar a vida*, porque, mesmo na dificuldade, na escuridão, a semente do bem e do amor continua a crescer e a requer um olhar capaz de a descobrir, às vezes onde menos se espera; depois, *a paixão e a corresponsabilidade* na construção de uma realidade nova, onde seja possível essa mudança de atitude, onde se cuide da casa comum e da vida, especialmente quando ela é mais frágil, e seja fomentada uma cultura de solidariedade e de encontro; finalmente, uma *grande confiança* em Deus, que nos permita transformar os nossos medos, preocupações e desânimos na certeza de que Ele está conosco todos os dias (cf. Mt 28,20).

Hospitalidade

Durante a sua viagem à Tailândia, no encontro com as autoridades políticas do país, o Papa Francisco afirmou: *"Hoje, mais do que nunca, as nossas sociedades precisam de «artesãos da hospitalidade», de homens e mulheres comprometidos no desenvolvimento integral de todos os povos numa família humana empenhada em viver na justiça, na solidariedade e em harmonia fraterna"*.

Essa expressão despertou a minha atenção e acredito que, à luz da realidade, podemos escutar esse chamamento a sermos "artesãos da hospitalidade", tecendo, nas nossas relações e no serviço apostólico, gestos samaritanos que nos configuram e confirmam como testemunhas de Jesus compassivo e misericordioso.

Ouso propor três aspetos que considero importantes para os nossos dias: o *serviço humilde e alegre*, prestado tanto em relação às nossas Irmãs na comunidade como nas obras apostólicas que nos são confiadas; a *disponibilidade para o envio*, antepondo aos próprios interesses e gostos pessoais os da missão e do reino; a *gratuidade* em suportarmos reciprocamente os pesos umas das outras (cf. Gl 6,2).

Dia 16 – Sexta-feira

“Curar o mundo”, Introdução.

Catequese do Papa Francisco na Audiência Geral das quartas-feiras
Biblioteca do Palazzo Apostólico (5 de agosto de 2020)

Texto seguinte conforme publicado no site:

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2020/documents/papa-francesco_20200805_udienza-generale.html

Um novo encontro com o Evangelho da fé, da esperança e do amor convida-nos a assumir um espírito criativo e renovado. Desta forma, poderemos transformar as raízes das nossas enfermidades físicas, espirituais e sociais. Poderemos curar profundamente as estruturas injustas

e as práticas destrutivas que nos separam uns dos outros, ameaçando a família humana e o nosso planeta.

O ministério de Jesus oferece muitos exemplos de cura. Quando cura quantos sofrem de febre (cf. *Mc* 1, 29-34), de lepra (cf. *Mc* 1, 40-45), de paralisia (cf. *Mc* 2, 1-12); quando restitui a vista (cf. *Mc* 8, 22-26; *Jo* 9, 1-7), a palavra ou a audição (cf. *Mc* 7, 31-37), na realidade cura não só um mal físico mas a pessoa inteira. Deste modo, também a restitui curada à comunidade; libertando-a do seu isolamento porque a curou.

Pensemos na bonita narração da cura do paralítico em Cafarnaum (cf. *Mc* 2, 1-12), que ouvimos no início da audiência. Enquanto Jesus prega na entrada da casa, quatro homens levam um amigo paralítico a ter com Jesus; e impossibilitados de entrar, porque havia muita gente, descobrem o telhado e descem o leito à frente dele, que está a pregar. «Jesus, vendo a sua fé, disse ao paralítico: “Filho, os teus pecados são-te perdoados!”» (v. 5). E depois, como sinal visível, acrescentou: «Levanta-te, pega no teu leito e vai para casa!» (v. 11).

Que maravilhoso exemplo de cura! A ação de Cristo é uma resposta direta à fé daquelas pessoas, à esperança que n'Ele depositam, ao amor que manifestam uns aos outros. E assim Jesus cura, mas não cura simplesmente a paralisia, cura tudo, perdoa os pecados, renova a vida do paralítico e dos seus amigos. Faz nascer de novo, digamos assim. Uma cura física e ao mesmo tempo espiritual, fruto de um encontro pessoal e social. Imaginemos como esta amizade e a fé de todos os presentes naquela casa cresceram graças ao gesto de Jesus. O encontro de cura com Jesus!

E assim perguntemo-nos: como podemos ajudar a curar o nosso mundo hoje? Como discípulos do Senhor Jesus, que é médico das almas e dos corpos, somos chamados a continuar «a sua obra de cura e salvação» (*CIC*, n. 1.421) em sentido físico, social e espiritual.

Não obstante a Igreja administre a graça curativa de Cristo através dos Sacramentos, e embora preste serviços de saúde nos mais remotos cantos do planeta, ela não é especialista em prevenção nem em tratamento da pandemia. Também não dá indicações sociopolíticas específicas (cf. S. Paulo VI, Carta apost. *Octogesima adveniens*, 14 de maio de 1971, 4). Esta é a tarefa dos líderes políticos e sociais. No entanto, ao longo dos séculos, e à luz do Evangelho, a Igreja desenvolveu alguns princípios sociais que são fundamentais (cf. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 160-208), princípios que nos podem ajudar a ir em frente, a preparar o futuro de que necessitamos. Cito os principais, que estão intimamente ligados entre si: o princípio da dignidade da pessoa, o princípio do bem comum, o princípio da opção preferencial pelos pobres, o princípio do destino universal dos bens, o princípio da solidariedade, da subsidiariedade e o princípio do cuidado pela nossa casa comum. Estes princípios ajudam os dirigentes, os responsáveis pela sociedade, a levar promover o crescimento e inclusive, como neste caso de pandemia, a cura do tecido pessoal e social. Todos estes princípios expressam, de diferentes maneiras, as virtudes da fé, da esperança e do amor.

[...] Exploraremos juntos o modo como a nossa tradição social católica pode ajudar a família humana a curar este mundo que sofre de doenças graves. Desejo refletir e trabalhar em conjunto, como seguidores de Jesus que cura, para construir um mundo melhor, cheio de esperança para as gerações futuras.

Dia 17 – Sábado

“Curar o mundo”: Fé e dignidade humana

Catequese do Papa Francisco na Audiência Geral das quartas-feiras – Biblioteca do Palazzo Apostólico (12 de agosto de 2020)

É de louvar o empenho de tantas pessoas que nestes meses estão a demonstrar amor humano e cristão pelo próximo, dedicando-se aos doentes até arriscando a própria saúde. São heróis! No entanto, o coronavírus não é a única doença a combater, mas a pandemia trouxe à luz patologias sociais mais vastas. Uma delas é a visão distorcida da pessoa, um olhar que ignora a sua dignidade e a sua índole relacional. Por vezes consideramos os outros como objetos, a serem usados e descartados. Na realidade, este tipo de olhar cega e fomenta uma cultura de descarte individualista e agressiva, que transforma o ser humano num bem de consumo (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 53; Enc. *Laudato si'* [LS], 22).

Contudo, à luz da fé, sabemos que Deus olha para o homem e para a mulher de outro modo. Ele criou-nos não como objetos, mas como pessoas amadas e capazes de amar; criou-nos à sua imagem e semelhança (cf. *Gn* 1, 27). Desta forma, deu-nos uma dignidade única, convidando-nos a viver em comunhão com Ele, em comunhão com as nossas irmãs e irmãos, no respeito de toda a criação. Podemos dizer, em comunhão, em harmonia. A criação é uma harmonia na qual somos chamados a viver. E nesta comunhão, nesta harmonia que é comunhão, Deus dá-nos a capacidade de procriar e de preservar a vida (cf. *Gn* 1, 28-29), de trabalhar e cuidar da terra (cf. *Gn* 2, 15; *LS* 67). Compreende-se que não podemos procriar nem preservar a vida sem harmonia; seria destruída.

[...] Peçamos portanto ao Senhor que nos conceda um olhar atento aos irmãos e irmãs, especialmente aos que sofrem. Como discípulos de Jesus, não queremos ser indiferentes ou individualistas. São estas as duas atitudes negativas contra a harmonia. Indiferente: olho para o outro lado. Individualista: considerar apenas o próprio interesse. A harmonia criada por Deus pede que olhemos para os outros, para as necessidades dos demais, para os problemas do próximo, estar em comunhão. Queremos reconhecer em cada pessoa a dignidade humana, qualquer que seja a sua raça, língua ou condição. A harmonia faz reconhecer a dignidade humana, aquela harmonia criada por Deus, com o homem no centro.

O Concílio Vaticano II evidencia que esta dignidade é inalienável, porque «foi criada à imagem de Deus» (Const. past. *Gaudium et spes*, 12). Ela é a base de toda a vida social e determina os seus princípios operacionais. Na cultura moderna, a referência mais próxima ao princípio da dignidade inalienável da pessoa é a Declaração Universal dos Direitos do Homem, que São João Paulo II definiu «uma pedra miliária, posta na longa e difícil caminhada do género humano» (*Discurso à Assembleia geral das Nações Unidas*, 2 de outubro de 1979, n. 7) e como «uma das mais altas expressões da consciência humana» (*Discurso à Assembleia geral das Nações Unidas*, 5 de outubro de 1995, n. 2). [...]

Esta consciência renovada pela dignidade de cada ser humano tem sérias implicações sociais, económicas e políticas. Olhar para o irmão e para toda a criação como uma dádiva recebida do amor do Pai suscita um comportamento de atenção, cuidado e admiração. Assim o crente, contemplando o próximo como um irmão e não como um estranho, olha para ele com compaixão e empatia, não com desprezo ou inimizade. E contemplando o mundo à luz da fé, esforça-se por desenvolver, com a ajuda da graça, a sua criatividade e entusiasmo para resolver os dramas da história. Ele concebe e desenvolve as suas capacidades como responsabilidades que fluem da fé (*ibidem*), como dons de Deus a serem postos ao serviço da humanidade e da criação.

Ao trabalharmos todos para curar um vírus que atinge indistintamente todos, a fé exorta-nos a comprometer-nos séria e ativamente a contrastar a indiferença face às violações da dignidade

humana. Esta cultura da indiferença que acompanha a cultura do descarté: as coisas que não me dizem respeito não me interessam. A fé exige sempre que nos deixemos curar e converter do nosso individualismo, tanto pessoal como coletivo: por exemplo, um individualismo de partido.

Que o Senhor nos “restitua a vista” para redescobrir o que significa sermos membros da família humana. E que este olhar se traduza em ações concretas de compaixão e respeito por cada pessoa e de cuidado e tutela pela nossa casa comum.

Dia 18 – Domingo

“Curar o mundo”: A opção preferencial pelos pobres e a virtude da caridade.

Catequese do Papa Francisco na Audiência Geral das quartas-feiras (19 de agosto de 2020)

Texto seguinte conforme publicado no site:

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200819_udienza-generale.html

A pandemia acentuou a difícil situação dos pobres e o grande desequilíbrio que reina no mundo. E o vírus, sem excluir ninguém, encontrou grandes desigualdades e discriminações no seu caminho devastador. E aumentou-as!

Portanto, a resposta à pandemia é dupla. Por um lado, é essencial encontrar uma cura para um pequeno mas terrível vírus que põe o mundo inteiro de joelhos. Por outro, devemos curar um grande vírus, o da injustiça social, da desigualdade de oportunidades, da marginalização e da falta de proteção dos mais débeis. Nesta dupla resposta de cura há uma escolha que, segundo o Evangelho, não pode faltar: é a *opção preferencial pelos pobres* (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium* [EG], 195). E esta não é uma opção política; nem sequer uma opção ideológica, uma opção de partidos. A opção preferencial pelos pobres está no centro do Evangelho. E quem a fez primeiro foi Jesus; ouvimos isto no trecho da Carta aos Coríntios, lido no início. Ele, sendo rico, fez-se pobre para nos enriquecer. Fez-se um de nós e por isso, no centro do Evangelho, no centro do anúncio de Jesus, há esta opção.

[...] No início da sua pregação, [Cristo] anunciou que no Reino de Deus os pobres são bem-aventurados (cf. *Mt* 5, 3; *Lc* 6, 20; *EG*, 197). Estava no meio dos doentes, dos pobres e dos excluídos, mostrando-lhes o amor misericordioso de Deus (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 2444). E muitas vezes foi julgado como homem impuro, porque cuidava dos doentes, dos leprosos, que segundo a lei da época, eram impuros. E Ele correu riscos por estar próximo dos pobres.

[...] A fé, a esperança e o amor impulsionam-nos necessariamente para esta preferência pelos mais necessitados (cf. Congregação para a Doutrina da Fé, *Instrução sobre alguns aspetos da “Teologia da Libertação”*, [1984], cap. V), que vai além da assistência necessária (cf. *EG*, 198). Trata-se de caminhar juntos, deixando-se evangelizar por eles, que conhecem bem Cristo sofredor, deixando-nos “contagiar” pela sua experiência de salvação, sabedoria e criatividade (cf. *ibid.*). Partilhar com os pobres significa enriquecer-se uns aos outros. E se existem estruturas sociais doentes que lhes impedem de sonhar com o futuro, devemos trabalhar em conjunto para as curar, para as mudar. [...]

[...] A pandemia é uma crise e não se sai iguais de uma crise: ou saímos melhores ou saímos piores. Nós deveríamos sair melhores, para resolver as injustiças sociais e a degradação ambiental. Hoje temos uma oportunidade de construir algo diferente. Por exemplo, podemos

fazer crescer uma economia de desenvolvimento integral dos pobres e não de assistencialismo. Com isto não pretendo condenar a assistência, as obras de assistência são importantes.

[...] Com o exemplo de Jesus, o médico do amor divino integral, isto é, da cura física, social e espiritual (cf. *Jo* 5, 6-9), – como era a cura que Jesus fazia – devemos agir agora, para curar as epidemias causadas por pequenos vírus invisíveis, e para curar as que são provocadas pelas grandes e visíveis injustiças sociais. Proponho que isto seja feito a partir do amor de Deus, colocando as periferias no centro e os últimos em primeiro lugar. Não esquecer aquele parâmetro sobre o qual seremos julgados, Mateus, capítulo 25. Ponhamo-lo em prática nesta retomada da epidemia. E a partir deste amor concreto, ancorado na esperança e fundado na fé, será possível um mundo mais saudável. Caso contrário, sairemos piores da crise. Que o Senhor nos ajude, nos conceda a força para sair melhores, respondendo às necessidades do mundo de hoje.

